

SÃO PAULO, SP, 2 DE MAIO DE 2000

*Senhores Governadores aqui presentes, de São Paulo e do Amazonas; Senhores representantes dos jornais, que hoje se unem para formar um outro jornal, o Valor Econômico, independente dos dois anteriores: O Globo e Folha de S. Paulo; Senhores e Senhoras,*

O Governador Mário Covas me deu a deixa para começar este discurso, porque ele disse que aqui se juntavam dois pólos do eixo Rio–São Paulo.

Pois bem, sou paulista e nasci no Rio. E me sinto muito feliz de estar aqui, em São Paulo, para saudar esta iniciativa paulista/carioca da criação de um jornal que é brasileiro. Um jornal que vai expressar um momento novo da vida nacional.

E me parece muito significativo que duas organizações da importância de *O Globo* e da *Folha* tenham tomado a decisão que tomaram, não apenas no sentido de se unirem, porque os tempos são bicudos e necessitam, efetivamente, que haja uma visão do que seja competição. Se não houver junção de forças, dificilmente o que foi aqui descrito por João Roberto, como desafio da busca de uma identidade no mundo global, será concretizado. A decisão é corajosa, de

se juntarem nesse sentido, mas também é uma decisão que toma em consideração uma realidade palpável, que é o mercado que se amplia.

Ouvi referências, que saúdo, muito fortemente, no sentido de que o novo jornal nasce, como os seus antecessores, aqueles que lhe deram origem, com a vocação da independência. Independência diante de interesses privados, independência diante dos governos – e assim deve ser. Até porque, se não fosse assim, os governos, também, não seriam independentes diante da imprensa. A democracia exige esse reconhecimento do que é próprio a cada âmbito de decisão. Isso é um sinal de maturidade. Quero saudar esse sinal de maturidade.

É jornal que se lança na área econômica, mas que se baseou num dado: apenas 3% dos leitores de jornal lêem os jornais econômicos – nos Estados Unidos, 10% – e, portanto, provavelmente, haverá espaço. E nasce com essa marca de independência, nasce, portanto, com o dever de bem servir. É um momento em que nós precisamos que a imprensa bem sirva. Por quê? Porque precisamos aumentar o grau de amadurecimento e de racionalidade nas discussões dos problemas do país. Isso é fundamental para que possamos levar adiante a democracia no Brasil, e a democracia é a mãe de tudo que está acontecendo aqui.

Eu me recordo, há alguns anos – não muitos –, quando tive a satisfação, junto com Otávio Frias, do Luís e de muitos colaboradores, de estarmos inaugurando a rotativa nova da *Folha*. E ali me emocionei, Frias também, porque nos lembramos de outras épocas em que tínhamos muitas dificuldades para expor aquilo que nos parecia o correto. E saudamos o fato de que havíamos avançado, no sentido da democratização. Essa democracia permitiu que quase explodisse no Brasil uma série de características que talvez nós próprios não conhecêssemos, e vimos que a nossa identidade é compósita, é uma identidade complexa, é formada de uma relação plural com muitas identidades e que está em marcha, que está em processo de formação e requer o reconhecimento do outro. O Estado de Direito não é apenas no papel, não é apenas na Constituição, mas na vida prática, para reconhecer a diferença e respeitá-la.

Cada vez mais se impõe, hoje, que lutemos com afinco para que a democracia não seja uma palavra vazia, mas que signifique, agora que

ela está alcançada, que signifique o respeitar a diferença: da minoria, da maioria, de forma a evitar que tropelia de última hora impeça qualquer manifestação de pensamento. Estamos avançando nessa direção. E de tal maneira houve frutos, a partir dessa democratização e a partir das características das decisões que o Brasil tomou de enfrentar os desafios da globalização, de abrir o seu mercado, de aceitar que a base tecnológica, hoje, provoca revoluções a todos os instantes. Estamos assistindo, também, ao florescimento de muitas novas iniciativas. Quantas rotativas fui inaugurar nesses últimos anos! N'O *Globo*, no Rio de Janeiro, com meu amigo Roberto Marinho, ali firme, na véspera de um dia difícil para nós, que foi o dia em que perdemos a batalha, em que fomos obrigados a deixar flutuar o real. Mas era uma máquina magnífica. Outro dia, foi em Brasília e aqui em São Paulo, e em toda parte, e depois as telecomunicações. E, agora a informática, e agora a Internet, essa multiplicidade imensa de atividades econômicas todas. Tudo isso para mostrar que o país avança.

Ora, um país que avança, um país que está sob a égide da democracia tem que respeitar as diferenças, tem que convergir, mas essa convergência implica negociação, implica diálogo. Se não passar por uma imprensa responsável, dificilmente dará certo. Porque não será a imposição de quem, eventualmente, manda. E mandar até que ponto? É o que vai fazer com que este país caminhe na boa direção.

Não será a tropelia de algum grupo que se arrogue por força própria, por direito próprio, ou por expressão da vontade coletiva, que venha querer se impor pela força, que vai nos levar a uma parte segura, que vai nos permitir aportar onde precisamos aportar, num país mais igual, com menos injustiça, com maior distribuição de renda, com maior tranquilidade, não só para o investimento, mas para a família, com mais segurança – segurança nas ruas –, com mais responsabilidade. Não pode ser diferente senão de um debate maduro. E o debate maduro passa por uma imprensa que seja capaz de filtrar as várias tendências existentes, os vários processos em marcha. Que faça a crítica desses processos, que reflita a realidade boa ou ruim e que permita um diálogo convergente.

É preciso, portanto – tenho certeza de que o *Valor* será isso –, um instrumento para aumentar a racionalidade do debate. Não podemos continuar, dada a importância do nosso país, dado o fato mesmo de nós estarmos assistindo a decisões racionais, como a que nós estamos presenciando hoje, não podemos mais nos conformar com a demagogia retórica que predomina, muitas vezes, e leva um debate de roldão, dando a impressão de que o País vai entrar num turbilhão somente por quê? Por falta de um mínimo de raciocínio, um mínimo de análise e de fatos e de uma mínima apresentação correta, simples, direta do que está acontecendo, perturbam-se os processos e são processos que podem ser altamente positivos para o País.

O *Valor*, dado o peso dos jornalistas que o formam, daqueles que confluíram para a formação deste jornal, terá um papel muito importante em aumentar o grau de maturidade no nosso debate político-econômico e o grau de racionalidade para ajudar, não apenas o governante, porque o governante tem outro instrumento, mas o povo, a entender o que está realmente em jogo. E o que está realmente em jogo neste momento, no Brasil, é o próximo século.

Estamos aceitando um desafio que só um povo muito maduro é capaz de aceitar: é o desafio de uma competição entre desiguais, porque a globalização é assimétrica. Ela é assimétrica, isso é inegável. Não obstante, não temos outro caminho senão o de enfrentar esse desafio. E esse desafio vai requerer, cada vez mais, informação, conhecimento, competência, clareza de posições, firmeza no rumo e não a retórica, não a demagogia, não as facilidades que, muitas vezes, atrapalham o desenvolvimento do país.

Temos tudo e o *Valor* vai acompanhar esse processo no dia-a-dia. Nós temos tudo para fortalecer as tendências mais positivas do nosso país. Um país que conseguiu dominar a inflação há cinco ou seis anos. Naquela época, muito dos que estão presentes sabem que poucos acreditavam. Nos momentos de decisão, o que conta é a convicção de quem toma a decisão, não é o consenso, não é a soma dos que estão contra e dos que estão a favor, é a convicção de quem toma a decisão.

Um país que, novamente, ano passado – quando tudo conspirava para destruí-lo –, conseguiu, rapidamente, se recompor, que hoje, certamente, marcha mais firme no caminho do desenvolvimento, no caminho do crescimento econômico e da possibilidade de uma distribuição de renda mais eficaz, é um país que tem todas as condições para seguir adiante.

Tenho certeza de que o *Valor* virá somar-se, não no sentido de se somar porque apóia políticas tais ou quais, mas no sentido de que vai ser um instrumento muito útil para que possamos, em conjunto, continuar raciocinando, continuar respeitando as nossas diferenças, mantendo a nossa identidade, que – repito – é formada por esse conjunto de diferenças e, sobretudo, sendo capaz de divisar o caminho que nos leva a um futuro mais próspero.

Termino, portanto, porque aprendi uma outra lição aqui: tanto o Luís Frias, quanto o João Roberto fizeram discursos curtos, e o Governador Mário Covas mais ainda. Fiquei envergonhado porque eu ia falar uma hora, trouxe uma papelada aqui, levo para casa. Não vou nem ler mais e vou dizer só uma palavra: quero deixar, realmente, o meu voto de que o jornal cumpra aquilo que deu origem à sua formação, cumpra o prometido. Vai cumprir. E dizer que, como paulista-carioca, é uma alegria imensa ver *O Globo* e a *Folha* unidos no *Valor*.

Muito obrigado.

